

# Resenha



## De catadores da sobrevivência a agentes ambientais: o processo de construção da identidade

**BASTOS, Valéria Pereira.** *Profissão: catador - um estudo do processo de construção da identidade*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

Por Carlos Antonio de Souza Moraes

O livro de Valéria Pereira Bastos nos convida a analisar a cadeia produtiva industrial da reciclagem de lixo, a partir da centralidade do trabalho do catador. Sua leitura proporciona notar que as análises teóricas se pautam em claras preocupações políticas que caminham na defesa dos direitos dos catadores, bem como da necessidade de organização deste grupo, no sentido de sair da informalidade e construir sua identidade coletiva. Fica evidente que além de um trabalho científico pautado em maciço e vasto arcabouço teórico, há a contribuição de notável experiência de trabalho como assistente social do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, desde 1996. As análises teóricas, a clareza política, as experiências profissionais acadêmicas e no cenário do lixo e os significados éticos dos achados da pesquisa proporcionam ao leitor um livro que analisa contradições e possibilidades de superação da realidade problematizada, por meio da paixão que se alimenta da crítica.

Metodologicamente a autora trafega entre uma densa análise de aspectos singulares dialeticamente articulados aos determinantes universais e mediados pela discussão de categorias teóricas esclarecedoras e, ao mesmo tempo, problematizadoras da realidade social e, particularmente, da realidade dos catadores. Por meio de pesquisa bibliográfica, recorre a estudos de diferentes regiões do país e construídos por autores com diferentes formações profissionais, analisando similaridades, diferenças e contradições em relação aos dados produzidos por sua pesquisa. Avança no trabalho de pesquisa pautada pela perspectiva quanti-qualitativa, demonstrando o caminho metodológico trilhado, a seriedade na definição de critérios para a escolha dos entrevistados e a amostra expressiva dos diferentes sujeitos da pesquisa, além de depoimentos que denotam suas compreensões, seu agir e percepções.

O livro é composto por 05 capítulos que capturam processualmente a atenção do leitor ao demonstrar o desenho da pesquisa, os sujeitos do estudo, o alicerce teórico e sua articulação ao contexto estudado e a realidade dos catadores. Entretanto, ao realizar uma leitura detalhada do material, somos surpreendidos com uma seção, anterior à introdução, que tem por título: “atualizando a história: antigos dilemas versus novos desafios”, em que a autora aborda o encerramento das atividades de vazamento e recebimento de resíduos sólidos urbanos do Aterro de Jardim Gramacho no dia 03/06/2012. Na seção, ela trata como este processo foi discutido entre os governos federal, estadual e a Prefeitura do Rio de Janeiro, além das discussões realizadas com os catadores e as implicações para os mesmos. Demonstra que o fechamento do Aterro é fruto do compromisso político e ambiental na preparação da Cidade para a Conferência das Nações Unidas (Rio + 20), ainda que sem uma política de reciclagem do lixo capaz de substituir o trabalho ambiental desenvolvido pelos catadores. Por fim, indica que permanecem desafios nesta realidade, como o acompanhamento e a realização de projetos para o processo de organização dos catadores articulados a ações socioambientais, questão central do livro e permanente na realidade destes trabalhadores.

A introdução é trabalhada como primeiro capítulo do livro e dividida em 04 sessões. Na primeira seção, “Jardim Gramacho: um território de catação e catadores”, a autora elucida que, por 02 décadas, a área foi profundamente explorada sem nenhum tipo de tratamento do solo e dos resíduos depositados, o que fez com que o lixo invadisse a Baía de Guanabara e a área se transformasse em lixão com a presença dos catadores. Somente em meados de 1990, com a realização da Conferência conhecida como Rio 92, que as autoridades dedicaram atenção a este grave problema ambiental. O Ministério Público “obrigou” a Prefeitura a adotar medidas corretas em relação ao tratamento e destinação do lixo. A partir disso, diversas profissões têm atuado naquela área, inclusive o Serviço Social, que, desde 1996, buscou cadastrar todas as pessoas presentes na catação, excluindo crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência, em razão da natureza do trabalho, além de, a partir de demanda da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), orientar os catadores atuantes na área de vazamento quanto à importância do trabalho em cooperativas e a capacitação dos mesmos quanto ao processo legal e comercial. Também havia a proposta de instalação de galpão e equipamentos mecânicos custeados pela Construtora Queiroz Galvão, operadora do aterro.

Em “Apropriando os conceitos”, segundo item proposto na introdução, a autora recorre a Milton Santos (2004) na definição de “espaço”. A partir disso, cons-

trói problematizações que analisam as dificuldades de organização coletiva dos catadores, alicerçando-se nos seguintes elementos: 1. crise brasileira neoliberal e o aumento do trabalho informal; 2. a falência das políticas públicas; 3. o próprio local, marcado por sucateiros com benefícios vantajosos de um lado, e o processo de marginalidade, sobretudo, por meio do tráfico de drogas, de outro; e, por fim, 4. o eixo cultural articulado ao trabalho solitário dos catadores.

Em “1.3 Os sujeitos do estudo”, a autora inicia apontando o perfil geral dos catadores e, a partir de pesquisa bibliográfica, de campo e documental, indica que a proposta de estudo, consiste em entender como, na atualidade, os catadores estão construindo o processo identitário e se há fortalecimento da categoria na construção de um projeto único de coleta seletiva, tanto na dimensão da erradicação da atividade de catação de “lixo” efetiva no território de Jardim Gramacho, como na prática garantidora não somente de trabalho e renda, mas de acesso a bens e serviços necessários à vida. Para tanto, demonstra os caminhos metodológicos percorridos para edificação do livro. Trabalha com aplicação de formulários direcionados a 142 catadores, além de entrevistas semiestruturadas com 05 representantes institucionalizados dos mesmos, 05 entrevistas com representantes da sociedade civil que lidam com a questão socioambiental na área de resíduos sólidos e catadores, além de 02 técnicos do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) e 04 entrevistas com representantes do poder público (COMLURB).

Em “1.4. Identificando as suas percepções”, Bastos apresenta pesquisas referentes aos contextos de Goiânia (MEDEIROS e MACEDO, 2007); Uberlândia (FERREIRA, 2005); Rio Grande do Sul (JUNCÁ, 2004); ao Aterro de Gramacho (ROHEM, 2004; JUNCÁ, 2004); além de teses de doutorado (VELOSO, 2004) e trabalho de conclusão de curso (CAVALINI e FERREIRA, 2006) a respeito do assunto. E mediante a abordagem dos autores, conclui que os avanços do processo organizativo dos catadores, de sua identidade profissional e a inserção na cadeia produtiva industrial, bem como, no contexto socioambiental, devem estar dialeticamente articulados à superação do sentimento depreciativo que possuem por trabalhar com o lixo.

O segundo capítulo do livro, cujo título é “O alicerce teórico: da definição de conceitos ao momento da pesquisa”, é subdividido em 03 sessões. Na 2.1 “Pobreza, exclusão social e cidadania...”, a autora faz um amplo trabalho de pesquisa bibliográfica, articulando estes eixos analíticos ao seu objeto de estudo. De forma geral, conclui que é possível reconhecer os catadores como pessoas pobres, ex-

cluídas de direitos sociais, como qualquer trabalhador reconhecido no mercado formal de trabalho, mas incluídos perversamente em situações de cobranças de impostos e no compromisso cívico do voto, dentre outros.

A discussão do alicerce teórico também acumula valiosos debates a respeito do “2.2. ‘território’ e ‘territorialidade’...”. Apoiada em Milton Santos (2006) e Dirce Koga (2001) e, ao articular tais contribuições teóricas a particularidade do trabalho com o lixo e Jardim Gramacho, Bastos (2014) ressalta que se torna possível indicar que há predomínio da lógica da desigualdade social, onde a inclusão dos catadores, quando ocorre, é perversa. Além disso, conclui que embora em determinados “pedaços” seja possível identificar o sentimento de pertença, em outros “pedaços” ou momentos, “o que predomina é a regra da exclusão e do dinheiro global que domina o território” (BASTOS, 2014, p. 91).

Para finalizar o segundo capítulo do livro, a autora aborda os conceitos de estigma e identidade. Se a discussão de estigma é pautada em Goffman (1988), que além de o definir, aponta situações estigmatizantes e outras categorias implicadas ao conceito, o debate trazido pela autora a respeito de identidade, é ancorado nas análises de Giddens (2002), Hall (1997), Dubar (2005), Bauman (2005), Castells (2002) e Fonseca (2003). A partir da exposição dos significados atribuídos pelos autores a estes conceitos, conclui que, por meio da constituição da sociedade em redes no território de Gramacho, poderão surgir novas redes familiares, geográficas, religiosas e de interesses compartilhados, sendo importante para auxiliar na organização desses catadores e contribuir para a formação de sua identidade.

Em “3. Jardim Gramacho e ‘território de jardim gramacho’”, a autora inicia a discussão abordando “3.1. O bairro de Jardim Gramacho: o espaço geográfico”. Recorre à dissertação de mestrado de Moreira (2006) e o “diagnóstico social do bairro de Jardim Gramacho” (IBASE, 2005). Nesta seção, aborda questões vinculadas a: localização, extensão geográfica, população, índice de desenvolvimento humano e outras relacionadas à estrutura dos serviços, indicadores urbanos de abastecimento de água, esgoto sanitário, coleta de lixo, atividades econômicas, equipamentos de saúde, escolas municipais e processo organizacional em defesa do bairro. Conclui que o desenho do bairro revela um local periférico e de grande desigualdade social e ambiental, por abrigar um dos maiores aterros da América Latina e pela grande maioria da população ter sua vida econômica ativa associada ao trabalho com o lixo.

“A territorialidade dos catadores: olhando o amanhã” é a segunda seção do terceiro capítulo do livro e, além de apresentar o perfil dos catadores entre-

vistados, destaca que 87% deles podem ser caracterizados como catadores de lixo por desempenhar suas tarefas na frente do serviço, em local a céu aberto, destinado ao vazamento do lixo, e que grande parte dos sujeitos entrevistados não está articulada a nenhum tipo de organização da categoria, reduzindo o trabalho ao processo de sobrevivência. Além disso, nesta seção, trabalha com os depoimentos de representantes da categoria e aponta que suas falas sugerem um caminho importante para o processo de organização dos catadores. Estes reconhecem a existência da associação, embora não compreendam seus reais significados e também disponham de pouco conhecimento a respeito da cadeia produtiva. Complementando, a autora aborda o “garimpo do lixo: fonte de sobrevivência”, apontando que a origem da catação na vida dos entrevistados está vinculada à cultura familiar, ao desemprego e à sobrevivência. Demonstra que há um comprometimento familiar com a catação e que os catadores são pobres e excluídos de bens e serviços pelo fator da movimentação e de acesso a outras classes sociais, já que chegam a receber (21% dos entrevistados) o valor de 1.500 reais mensais.

Para finalizar o capítulo, a autora discute o processo de construção da identidade dos catadores de lixo como agentes ambientais. Faz uma análise das dificuldades e dos avanços em relação à construção de sua identidade e garantia de seus direitos. Destaca que, em relação ao Estado, as ações têm sido pontuais, não permitindo o fortalecimento da categoria. Por outro lado, a legislação tem sinalizado avanços em relação à política nacional de saneamento. Já no que concerne à organização cooperativista, alerta que ela ainda não cumpriu seu papel agregador e/ou garantidor de trabalho e renda para os catadores. Ainda assim, reconhece a importância das lideranças locais que, articuladas à COOPERGRAMACHO e ao Serviço Social do aterro, desenvolveram atividades organizadas relacionadas à saúde, educação, transporte e aspectos ambientais dentro do bairro, visto que são integrantes do Fórum Comunitário do Jardim Gramacho, apoiado pelo IBASE/FURNAS/COEP.

O quarto capítulo do livro retoma os conceitos discutidos no segundo capítulo, construindo análises aprofundadas a respeito dos catadores. No primeiro momento (“4.1. Catadores, pobreza e exclusão social”), Bastos (2014, p. 152) aponta que os catadores de lixo de Gramacho podem ser identificados como pessoas empobrecidas por se configurarem como mão de obra barata e desqualificada, sem acesso ao mercado formal de trabalho, o mesmo ocorrendo em relação a bens e serviços assegurados aos trabalhadores formais, além de

serem pessoas sem poder e força política no cenário socioeconômico, político e ambiental, o que não lhes proporciona condições de mobilidade social, básica para ascender no grupo social.

Ao problematizar os sentidos do estigma na relação com os catadores, proposta da segunda seção do capítulo 04, a autora aborda as contradições existentes entre o posicionamento do poder público, que possui compreensão limitada a respeito do crescimento desordenado dos catadores, projetando uma espécie de “identidade social virtual” (GOFFMAN, 1988) e o sentimento depreciativo entre os catadores, gerado pelo trabalho com o lixo. Assinala que embora o estigma seja fator presente, existem pistas importantes para o rompimento com os limites impostos ao seu trabalho, tanto pela via pública, quanto pela relação estabelecida com o atravessador, mas que este processo precisa ser construído coletivamente, incluindo os considerados “normais”, no sentido de alicerçar forças conscientes e coletivas.

Para finalizar o capítulo, a autora retoma os conceitos de identidade e cidadania na sua relação com os catadores. Destaca a necessidade de construir um movimento organizado, que edifique suas identidades a partir das diferenças, focados naquilo que desejam se tornar. Além disso, compreende que os catadores estudados podem ser duplamente caracterizados como “não cidadãos”, seja por não ter sua profissão reconhecida oficialmente, seja por ter que comprovar para o Estado tal reconhecimento para se tornar objeto de caridade pública ou privada, conforme destaca Fleury (2007) ao analisar o conceito de “cidadania invertida”.

Em “Afinal, o que foi construído?”, a autora finaliza o livro concluindo que a identidade profissional dos catadores de Gramacho ainda não foi edificada, por diversos motivos. Dentre os principais, aponta a própria natureza do trabalho de catação e a forma como ele é estruturado, por meio de um trabalho solitário e, muitas vezes, longo (chegando a 12 horas diárias), para obter melhor remuneração. Para Bastos (2014), a superação do trabalho solitário deve ser construída através do acesso dos catadores à informação por meio de capacitação que os oriente quanto “[...] a aquisição de conhecimentos acerca do cenário brasileiro no tocante à destinação de resíduos sólidos e às novas legislações que privilegiam catadores organizados em cooperativas e associações” (p. 173). Para tanto, é fundamental a participação de forças públicas e privadas que mobilizem recursos financeiros, técnicos, administrativos e até solidários, no sentido de tornarem-se conscientes do trabalho ambiental que desempenham.



Por fim, ressaltamos que a fluidez na redação do livro o torna capaz de envolver o leitor, convidando-o a estranhar processos familiares e a construir reflexões teórico-conceituais sem tirar os olhos da realidade e a compreensão da necessidade de sua transformação, por meio da defesa dos direitos destes sujeitos que, além de catadores da sobrevivência, desempenham valioso papel enquanto agentes ambientais.

### **Nota**

- 1 Assistente Social, mestre em Políticas Sociais (UIENF), doutorando em Serviço Social pela PUC/SP, Professor da Universidade Federal Fluminense/ Departamento de Serviço Social de Campos e vice-líder do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cotidiano e Saúde (GRIPES). E-mail: as.carlosmoraes@gmail.com

**Artigo recebido em agosto de 2015 e aceito para publicação em setembro de 2015.**

